

APRESENTAÇÃO

CRUZANDO FRONTEIRAS: POR UMA AGENDA PRISMÁTICA NA CIÊNCIA SOCIAL CONTEMPORÂNEA

Como sabemos, o mundo do conhecimento científico é marcado por múltiplas fronteiras entre áreas de conhecimento, disciplinas, métodos e abordagens, em que a controvérsia entre peritos revela-se bastante profícua e dinâmica, ao passo que o diálogo entre especialistas de campos distintos é quase sempre rarefeito. Por outro lado, embora o conhecimento científico circule e penetre em nosso cotidiano, através da tecnologia, da escola e da mídia, a comunicação aberta entre peritos e leigos é ainda mais rara, dado o caráter restrito dos “pontos de acesso”, dificultando e enviesando a operação da “dupla hermenêutica” que, para Giddens, caracterizaria particularmente a difusão e o desenvolvimento das ciências sociais.

Entretanto, parece evidente a necessidade não apenas de cruzar fronteiras entre disciplinas e áreas do conhecimento científico, mas também de superar barreiras de comunicação entre especialistas e leigos, e até mesmo de confrontar olhares sobre o mundo e a natureza entre povos de cultura diversa, para entender uma série de processos sociais contemporâneos, ou ainda para aprofundar o conhecimento de fenômenos sócio-ambientais complexos e multifacetados, tanto nas causas quanto nas conseqüências envolvidas.

Aquecimento global, alimentos transgênicos, biopirataria, pandemias, reprodução humana assistida, terrorismo internacional (...): a vida cotidiana na alta modernidade parece indelevelmente marcada pela reflexividade do conhecimento e a globalização dos processos econômicos e sócio-culturais, cujas conseqüências se desdobram tanto no plano macro das negociações e acordos multilaterais entre as nações, como no plano microscópico das identidades comunitárias e das relações interpessoais. Neste quadro, cabe às ciências sociais o grande desafio de abrir o diálogo não somente com cientistas de outras áreas, mas também com profissionais da mídia, juristas, administradores públicos, políticos, empresários, líderes de movimentos sociais e grupos étnicos, entre outros, que se encontram direta ou indiretamente envolvidos em

problemas contemporâneos relacionados à produção e difusão do conhecimento especializado no âmbito da chamada “sociedade do risco”, magistralmente teorizada por Ulrich Beck.

É precisamente este o propósito deste modesto dossiê que, naturalmente, não tem a pretensão de abarcar todos os inumeráveis assuntos de fronteira que demandam olhares cruzados entre cientistas de formação e sensibilidade diferenciada, mas apenas fornecer uma amostra do que se pode esperar dos esforços que têm sido feitos nesta direção no âmbito da sociologia. Nosso objetivo é, portanto, lançar as sementes de um debate que possa não apenas frutificar em novos artigos científicos sobre temas de caráter inter ou multidisciplinar (i.e.:que envolvem uma articulação de conhecimentos e saberes provenientes de áreas distintas), mas sobretudo desdobrar-se numa ampliação mais ambiciosa da agenda de pesquisa das ciências sociais brasileiras em direção às áreas ditas de fronteira, nas quais as inquietações teóricas dos pesquisadores se entrecruzam com preocupações sociais emergentes.

Neste sentido, os textos selecionados permitem cobrir um leque bastante abrangente de problemas que mereceriam ser alvo da referida agenda. Abrindo o dossiê, o texto de Franz Brüseke e Carlos Eduardo Sell apresenta uma reflexão aprofundada sobre a mal reconhecida importância da filosofia heideggeriana para elucidar ou problematizar diversas questões discutidas pela sociologia contemporânea, destacando o papel da ciência e da racionalidade técnica na configuração do ethos social da modernidade. Alguns dos dilemas heideggerianos ecoam no texto de Thales de Andrade sobre a “intimização da técnica”, em que discute o significado mais amplo de mudanças que se anunciam na própria condição humana com a aplicação de biotecnologia em áreas como a reprodução humana e a medicina genética. Sem entrar nos dilemas éticos e filosóficos envolvidos neste campo, o texto de Michelangelo G. S. Trigueiro aborda a biotecnologia de um ângulo bem mais pragmático, ao investigar as estratégias de planejamento, organização e gestão da pesquisa, tendo em vista o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico deste setor em nosso país. Noutra perspectiva, o texto de Marcelo C. Vargas e Marcelo Fetz de Almeida, igualmente focado no contexto brasileiro, discute a articulação entre conhecimento científico e saberes tradicionais que permeia a produção de diversos produtos e processos de caráter biotecnológico, destacando as dificuldades jurídicas e culturais de assegurar uma repartição

minimamente eqüitativa dos benefícios associados à exploração do conhecimento tradicional associado à biodiversidade.

O texto de Leila da Costa Ferreira, por sua vez, desloca a discussão para os dilemas mais amplos da teoria social contemporânea face aos problemas que estão na interface entre o sistema social e o sistema natural, privilegiando a análise de algumas questões que têm balizado o debate no campo da sociologia ambiental. Finalmente, o texto de Sônia da Cal Seixas Barbosa, ao analisar os condicionantes sociais da depressão no contexto da alta modernidade, procura cruzar uma fronteira outrora considerada intransponível: aquela que separa a sociologia da psicologia, cujas explicações seriam insuficientes para o entendimento de fenômenos de ordem coletiva. O texto nos mostra que tais fronteiras nunca foram tão rígidas quanto propunha a abordagem durkheimiana dos fatos sociais.

A breve apresentação dos textos acima permite entrever o caráter multifacetado de uma agenda de pesquisa social voltada para temas de fronteira. Se no campo das políticas públicas tal agenda se revela metaforicamente dotada de múltiplas cores e matizes, como o verde das políticas de conservação da biodiversidade, o azul da gestão da água e o marrom do saneamento (i.e.: o controle das fontes de poluição), presentes no jargão dos ambientalistas; ou ainda, o verde da agricultura, o vermelho da saúde e o branco da indústria, debatidos no campo da biotecnologia (i.e.: a produção de alimentos, fármacos e cosméticos ou insumos e processos industriais), é preciso discutir com a sociedade os rumos mais amplos da ciência para evitar que as possibilidades mais promissoras de uma verdadeira agenda prismática, que envolveria a superação de condições sócio-ambientais precárias ou limitações pessoais hereditárias, se transformem numa apropriação sombria do futuro por aspirações mesquinhas do presente.

Se puder contribuir para fomentar o debate sobre as fronteiras móveis do conhecimento, e a necessidade de reconhecê-las e cruzá-las na abordagem de temas contemporâneos, esperamos que este dossiê de Teoria & Pesquisa venha a ser o primeiro de uma série para a qual o aporte dos colegas de outras áreas será muito bem vindo.

Marcelo Coutinho Vargas
Thales de Andrade